

A era do narcisismo: aspectos da subjetividade contemporânea

*Fernando Moysés Gaio**

*André Moysés Gaio***

RESUMO

As várias transformações sofridas pelo corpo na história da humanidade, tanto em caráter biológico como social estão intimamente ligadas às culturas. Em tempos atuais, o corpo assume uma posição de grande importância e é considerado um veículo do ser no mundo marcante na sociedade contemporânea. Estamos assistindo a uma crescente glorificação do mesmo. Este culto ao corpo tem reorientado um conjunto de comportamentos na sociedade, imprimindo um novo estilo de vida. Reforçado pela mídia que multiplica estereótipos e o transforma em produto de consumo, temos assim, conseqüentemente, desencadeada a cultura do narcisismo na sociedade de consumo. O narcisismo é aqui abordado, desde o conceito da Psicanálise até a sua estrutura de personalidade atual. Um sujeito que vive hoje, frequentemente para si, desinteressado de passado e futuro e sua realidade é sua imagem: ele tem que aparecer, porém necessitando sempre do aval do outro.

Palavras-chave: Narcisismo. Corpo. Subjetividade. Sociedade de consumo.

ABSTRACT

The many changes suffered by the body in the history of humanity, in social and biological aspects, are closely attached to the cultural aspect. Nowadays, the body has assumed a position of great importance and it is considered a “vehicle of the being in the world”, remarkably in the contemporary society. We’ve been watching a growing glorification of it. This cult to the body has reorientated a set of behaviors in society which

*Mestrando em Psicologia pela UFJF, Pós-graduado em Desenvolvimento Humano pela UFJF e Graduado em Psicologia pelo CES/JF. nandogaio@hotmail.com

**Doutorado em História Social pela PUC-SP, Mestrado em Ciências Políticas pela Universidade Federal de Minas Gerais, Graduado em História pela UFJF e professor associado do departamento de Ciências Sociais da UFJF. Doutorado em História Social pela PUC-SP, Mestrado em Ciências Políticas pela UFMG, Graduado em História pela UFJF e professor associado do departamento de Ciências Sociais da UFJF. amgbr61@yahoo.com.br

results in a new life style. The mentioned cult is reinforced by the media that helps multiply stereotypes and turns the body into a merchandise. Thus, it is initiated the culture of narcissism in the society of consumption. Narcissism is addressed here from the Psychoanalysis concept up to its current structure of personality. An individual that lives only for today and only for himself/herself, uninterested in his/her past, future and reality is the image of narcissism: it has to show up, but it always needs the approval of others.

Keywords: Narcissism. Body. Subjectivity. Society of consumption.

1 INTRODUÇÃO

Entender os sentidos construídos para o corpo não é só entender o passado, o presente e o futuro. Se antes falávamos de corpo e alma e hoje falamos de corpo e cultura, corpo e sociedade ou até mesmo o corpo fruto e escravo da sociedade. Falamos da sociedade de consumo e da subjetividade de um indivíduo narcísico, centrado em si.

Em que cultura vivemos? É necessário admitirmos que exista um **mal-estar**¹ quando nos posicionamos em relação a nosso corpo e que “[...] todo mundo hoje se queixa de que o corpo não funciona a contento. Algo não está bem com o corpo, que se transforma na caixa de ressonância privilegiada do mal-estar” (BIRMAN, 2012, p. 69).

Temos hoje essa crescente supervalorização do corpo o que transforma as pessoas em escravos da própria aparência. Tudo isso amparado por tecnologias avançadas, pela medicina genética e infinitos produtos de beleza. Neste artigo, trazemos também a questão: como saber se nosso corpo é suficiente para tudo isso? Seriam estas exigências insaciáveis?

Estamos na pós-modernidade², na sociedade de consumo e na cultura do narcisismo e segundo Lasch (1983, p. 15) podemos associar o narcisista a uma pessoa também “[...] gananciosa, no sentido de que

1 O termo usado é grifo nosso: referência ao famoso texto de Freud - O mal-estar na civilização -, termo que sugere uma tensão deliberada em relação ao discurso pós-moderno.

2 Como conceito de pós-modernidade utilizamos a descrição de Jameson. F (1997, p. 27) de seu artigo ‘O pós-modernismo e a sociedade de consumo’: “é um conceito periodizante, cuja função é correlacionar a emergência de novos aspectos formais da cultura com a emergência de um novo tipo de vida social e com uma nova ordem econômica – aquilo que se chama, eufemisticamente, de modernização, sociedade pós-industrial ou de consumo, sociedade da mídia ou dos espetáculos, ou capitalismo multinacional”.

seus desejos não tem limites, ele não acumula bens e provisões para o futuro, mas exige imediata gratificação e vive em estado de desejo, desassossegada e perpetuamente insatisfeito”. É uma **estrutura de personalidade**³, fruto específico de nossa cultura e de nosso atual contexto social, que é feita e pensada em alicerces de ideologias terapêuticas, de proliferação de imagens, de racionalização da vida interior, do culto ao consumo e de mudanças na vida familiar.

É preciso mostrar-nos, a aparência é o que importa. Precisamos nos mostrar mais jovens, mais belos, passando-se por emocionalmente perturbada uma pessoa que negligencie sua aparência.

A imagem é condição necessária para o espetáculo na cena social, pois é nela que ele tem a possibilidade da sedução e do fascínio narcísico. Sem ela o outro não lhe dá o aval de sua beleza e é nela onde ele vê o mundo como um grande espelho. ‘Sorria, você está sendo filmado’, sem surpresas para essa invasão de imagens e desse outro olho que tudo vê, faz com que deixemos já pronto o nosso perfil que mais nos agrada, para mais esse *zoom* que invade e não nos deixa uma outra escolha.

Assistimos a um enfraquecimento do tempo histórico, o que faz com que viver para o momento seja uma paixão predominante. Lasch (1983, p. 25) reforça a respeito do tema: “estamos rapidamente perdendo o sentido de continuidade histórica, o senso de pertencermos a uma sucessão de gerações que se originaram no passado e que se prolongarão no futuro”.

Referindo-nos ao futuro, este artigo aborda outro grande problema dessa cultura do narcisismo, o medo de envelhecer. Nossa sociedade reduz as oportunidades para os mais velhos, porque desvaloriza a experiência e privilegia a força física, reforçando o culto à juventude e enfraquecendo assim a posição dos que não são mais jovens. Para o indivíduo narcisista, a ideia de ser substituído e até a ideia de morte torna-se insuportável e assim se tenta evitar a velhice e procura-se prolongar a vida através dos milagres prometidos pela medicina, tentando-se assim, adiar a passagem pela decadência física.

Se, por um lado, os avanços da ciência trouxeram uma melhor qualidade de vida, por outro lado, estamos sendo empurrados a procedimentos e condutas que nos impõem a obrigação de não adoecer, não envelhecer e não sofrer.

³ Grifo nosso.

2 O CORPO NA HISTÓRIA

São os corpos elementos de glorificação e de interesse do estado; são corpos valorizados por sua capacidade atlética, sua saúde e fertilidade; são corpos preparados para a guerra; é o corpo e a alma; são corpos proibidos; corpos culpados, perversos e necessitados de purificação; são corpos desejados e prontos para os prazeres da carne; o corpo sadio, livre de vícios e doenças, o corpo masculino e o corpo feminino, corpo com valor de uso e de troca, o corpo do outro e o meu corpo, o corpo moderno e o corpo pós-moderno e quantos corpos ainda existirão?

O corpo sempre foi objeto de curiosidade por ser uma estrutura misteriosa, pois sempre assumiu significados diferentes ao longo da história. Este fato fez com que cada área do conhecimento humano apresentasse possíveis definições para o corpo como objeto de estudo.

O corpo humano, além de seu caráter biológico, é afetado pela religião, grupo familiar, classe, cultura e outras variáveis sociais. O mesmo cumpre uma função ideológica, isto é, a aparência funciona como garantia ou não da integridade da pessoa, em termos de grau de proximidade ou de afastamento em relação ao conjunto de atributos que caracterizam a imagem dos indivíduos em termo de espectro das tipificações (RODRIGUES, 1983).

Cada cultura busca uma padronização própria dos corpos e comportamentos, a fim de criar parâmetros identitários, por exemplo: de acordo com Siebert (1995) e Rosário (2004), o corpo, na Grécia antiga, era visto como elemento de glorificação e de interesse do estado. O corpo era valorizado pela sua capacidade atlética, sua saúde e fertilidade; na Idade Média, toda e qualquer preocupação com o corpo era proibida. A influência da Igreja era grande, extinguindo até os jogos olímpicos. Evidencia-se a separação do corpo e da alma, prevalecendo a força da segunda sobre a primeira. Segundo Rosário (2004), o bom da alma estava acima dos desejos e prazeres da carne e, portanto, acima dos aspectos materiais. O corpo tornou-se culpado, perverso e necessitado de purificação. Incentivo ao autoflagelo, enforcamentos, apedrejamentos e execuções em praça pública. De acordo com Siebert (1995), os dados encontrados na Idade média, quanto à cultura corporal, são de acentuado desprestígio; no Período Renascentista, a concepção de corpo, diferiu das anteriores, pois começa haver preocupação com

a liberdade do ser humano O trabalho artesão e a realização terrena passaram a ser valorizadas, juntamente com o pensamento científico e o estudo do corpo. Aconteceu a redescoberta do corpo, principalmente do que diz respeito às artes, onde o corpo nu aparece como destaque por pintores como Michelangelo, Da Vinci, entre outros (SIEBERT, 1995; ROSÁRIO, 2004).

Já na modernidade, a homogeneização esta vinculada à lógica de mercado, onde existe uma busca incessante pela lucratividade. O corpo humano, dessa maneira, vira mercadoria, sujeitando-se a modelos e leis. Por exemplo, o discurso que ouvimos hoje em dia sobre a saúde nada mais é que uma dessas normas impostas de modo a potencializar as capacidades humanas. Um corpo sadio, livre de vícios e doenças, é um corpo eficaz.

Como afirma Santos (1990, p. 53-54): “o corpo passa a ser vivenciado, na condição de valor de uso e valor de troca como mercadoria. ‘Investir’ no corpo é majorar o seu valor de troca, é colocá-lo em melhores condições para a aferição de lucros no mercado dos bens simbólicos”.

Para muitos pensadores como Gregor Mendel, Wilhelm Johannsen, William Bateson entre outros do final do século XIX, o corpo era explicado por fenômenos biológicos, um feixe de mecanismos. “O século XX restaurou e aprofundou a questão da carne, isto é, do corpo animado” (MERLEAU-PONTY, 2008, p. 287). Ainda, conforme Merleau-Ponty (1996, p.122), “[...] o corpo é o veículo do ser no mundo, e ter um corpo é, para um ser vivo, juntar-se a um meio definido, confundir-se com certos projetos e empenhar-se continuamente neles”.

Segundo Courtine (2008, p. 07):

O século XX é que inventou teoricamente o corpo. Essa invenção surgiu em primeiro lugar da psicanálise, a partir do momento que Freud, observando a exibição dos corpos que Charcot mostrava na Salpêtrière, decifrou a histeria de conversão e compreendeu o que iria constituir o enunciado essencial de muitas interrogações que virão depois: o inconsciente fala através do corpo.

Freud em seu texto *A pulsão e seus destinos* (1915) nos diz: “pulsão é o representante psíquico dos estímulos que se originam dentro do organismo e alcançam a mente, como uma medida da exigência feita

à mente no sentido de trabalhar em consequência de sua ligação com o corpo” (FREUD, 1996, p. 127).

Nas décadas de 1950 e 1960, com a Revolução Cultural, a sexualidade assume uma esfera pública, não sendo mais considerada uma doença, mas parte integrante das sensibilidades humanas. Essa revolução se dá, em grande parte, pelas inovações na psicologia realizadas por Freud. Inovações estas que se iniciam a “partir do momento em que ele observando a exibição dos corpos que Charcot mostrava na Salpêtrière, decifrou a histeria de conversão e compreendeu o que iria constituir o enunciado essencial de muitas interrogações que viriam depois: o inconsciente fala através do corpo” (COURTINE, 2008, p. 7).

No século XX, o ser humano fica cada vez mais atrelado à técnica e à tecnologia. Deposita sua felicidade na busca do progresso; sendo assim, os corpos precisam trabalhar para concretizar essa verdade. Com a busca da produção, homens e mulheres tentam se adaptar como indivíduos ao grupo social, precisando, inúmeras vezes, desistir de sua liberdade de ação e expressividade.

Na segunda metade do século XX, surgem os sexólogos e com eles novas formas de ver o orgasmo feminino e de encarar outros assuntos referentes ao campo sexual, como a masturbação, não sendo mais considerada como um pecado, mas sim, como parte integrante da realidade biológica do ser humano.

Referindo-se ao corpo sexuado, ou seja, a um corpo com diversidades e representação social, Sohn (2008, p. 109) afirma:

[...] nunca, antes do século XX, o corpo sexuado fora objeto de cuidados tão atenciosos. Cada um o exhibe, o corpo está onipresente no espaço visual, ocupa igualmente um papel sempre maior nas representações tanto científicas quanto midiáticas. Chegou mesmo a se tornar um desafio médico e comercial. Liberdade de um lado e exigência de transparência do outro envolvem agora o dia-a-dia do corpo sexuado.

Segundo Goldenberg (2002), o culto ao corpo ganhou uma dimensão social inédita e entrou na era das massas. A difusão

generalizada das normas e imagens, a profissionalização do ideal estético e a grande preocupação com os cuidados com o rosto e com o corpo.

Cada indivíduo é considerado responsável (e culpado) por sua juventude, beleza e saúde. O corpo torna-se também capital, cercado de enormes investimentos (de tempo, dinheiro, entre outros), a obsessão com a magreza, a multiplicação dos regimes e atividades de modelagem do corpo, a disseminação da lipoaspiração, dos implantes de próteses de silicone nos seios, de botox para atenuar as marcas de expressão, testemunham o poder normatizador dos modelos cada vez mais acentuados na atualidade.

O corpo ocidental encontra-se em plena metamorfose. Não se trata mais de aceitá-lo como ele é, mas sim de corrigi-lo, transformá-lo e reconstruí-lo. O indivíduo contemporâneo busca em seu corpo uma verdade sobre si mesmo que a sociedade não consegue mais lhe proporcionar. Assim, na falta de realizar-se em sua própria existência, este indivíduo procura hoje realizar-se através do seu corpo. Ao mudá-lo, ele busca transformar sua relação com o mundo, multiplicando os seus personagens sociais.

Estamos assistindo neste início de século XXI a uma crescente glorificação do corpo, sua exibição pública é cada vez maior, deixando transparecer o que antes era escondido e, aparentemente, mais controlado. Assim, os indivíduos fazem quase tudo para manter seu corpo dentro dos modelos construídos e dominantes, como aponta Rosário (2004). Está aberto o espaço para uma indústria do corpo; a matéria física precisa entrar numa linha de produção que inclui ginástica, musculação, regimes alimentares, tratamentos estéticos, tratamentos de saúde, consumo da moda e de bens.

“Uma vez que desenvolver o corpo vem se tornando um dever, a sociedade estabelece os padrões para uma forma desejável e, como tal, aprovada, em relação á qual cada corpo deve atuar para se aproximar daqueles padrões” (BAUMAN; MAY, 2010, p. 157).

O corpo virou objeto de consumo e totalmente fragmentado. O culto ao corpo ganha uma dimensão social inédita, cercado de enormes investimentos. O corpo se apresenta como um sucesso pessoal.

Como vimos, não há sociedade que não modifique de alguma forma o corpo de seus membros, cada uma especializando-se na

produção de tipos de corpos, os quais servirão como insígnias da identidade grupal, nos quais o corpo biológico trabalhará como matéria sociológica.

A respeito de todas estas mudanças, Bauman e May (2010, p. 159) nos trazem uma reflexão:

Mas apesar de tantos cuidados e atenção devotados ao corpo, como saber se eles são suficientes? As fontes de ansiedade que nos levam a essas preocupações não desaparecerão, pois derivam de algo externo à relação com nossos corpos - as sociedades que vivemos. As razões para a busca de abrigo estarão sempre conosco, e, assim, as exigências podem ser insaciáveis.

3 NARCISISMO

O olhar narcísico é aquele que acredita que nada existe de melhor à sua volta a não ser sua própria imagem refletida.

Os sujeitos narcisistas ficam agarrados à própria imagem; são incapazes de distinguir entre uma imagem do que se imaginam ser do que realmente são. Eles se identificam com uma imagem idealizada; assim a imagem real se perde. Para eles, a auto-imagem real é inaceitável. Há uma diferença entre o *self*⁴ e sua imagem, tal como a pessoa e o reflexo num espelho. Assim, Narciso não estava apaixonado por si mesmo, mas por sua imagem que assumiu uma identidade independente. Os narcisistas amam a sua imagem, e não o seu verdadeiro *self*.

Freud no texto intitulado *Sobre o narcisismo: uma introdução*, de 1914, inicia utilizando o termo “narcisismo” a partir de um conceito de Paul Nacker para designar a conduta: “a atitude de uma pessoa que trata seu próprio corpo da mesma forma pela qual o corpo de um objeto sexual é comumente tratado – que o contempla, vale dizer, o afaga e o acaricia até obter satisfação completa através dessas atividades” E conclui: “desenvolvido até esse grau, o narcisismo passa a significar uma perversão que absorveu a totalidade da vida sexual do indivíduo, exibindo, conseqüentemente, as características que esperamos encontrar no estudo de todas as perversões” (FREUD, 1996, p. 89).

“Os indivíduos narcisistas vêem o corpo como um instrumento da mente, submetido à vontade deles. Eles agem unicamente de acordo

4 Neste artigo entende-se por *self* aquilo que define a pessoa na sua individualidade e subjetividade, isto é, a sua essência.

com suas imagens, sem sentimentos. Aliás, essa é a característica principal do narcisismo: negação do sentimento.” (LOWEN, 1993, p.25). A própria imagem é a negação dos sentimentos da pessoa. Ao identificar-se com uma imagem grandiosa, a pessoa pode ignorar a dor de sua realidade interior. A imagem é também um modo de assegurar a aceitação por parte dos outros, um modo de seduzi-los e ganhar poder sobre eles.

Na visão de Costa (2004, p. 86), o conflito entre imagem corporal e esquema corporal concerne à expressão autoplástica do corpo; a competição entre as imagens pelo investimento egóico, a escolha dos objetos necessários à relação do eu com o mundo. Conclui: “O sujeito, assegurado de que seu sofrimento será acolhido em um discurso outro que não o dos sentimentos, investe em seu corpo de outra maneira”.

O que vale é a imagem, a aparência. Temos um ideal de beleza do corpo, que deve ser alcançado a qualquer preço e pagamos caro por isso. O outro perde importância nas relações sociais, empobrecendo-as, pois perdem o interesse, a vida interior e a troca de experiências; no entanto algumas pessoas não alcançam o ideal de perfeição, de beleza e obtenção de prazer - tão almejado e também tão cobrado socialmente. Essas pessoas tornam-se depositárias de angústias e adoecem.

Temos hoje um novo contexto social narcisista, com uma relevante fragmentação da subjetividade, ou seja, um indivíduo com uma multiplicidade de identidades que privilegia o eu. Assim, o individualismo é dado como centramento absoluto do sujeito, impedindo-o de admirar o outro em sua diferença radical já que não consegue descentrar-se de si mesmo.

Vários autores destacam este exagero narcísico dos dias de hoje, chamados também de pós-modernidade, e alertam que este autocentramento do sujeito atingiu limiares impressionantes e espetaculares. Sobre isto, Birman (2000, p. 166) afirma:

Se o compararmos com os momentos anteriores da história do Ocidente quando se instituiu e se reproduziu a visão individualista de mundo. Partindo do pressuposto desta, o individualismo, como autocentramento absoluto do sujeito, atingiu seu cume e limiares até então impensáveis. Nas condições atuais daquele, a alteridade tende ao apagamento e quase ao silêncio na economia do sujeito. Nesse contexto, o autocentramento, aliado

à inexistência de história e ao desaparecimento da alteridade como valor, foi considerado por Lasch como traço fundamental da cultura do narcisismo.

O mesmo Birman (2000) compartilha a ideia de que, para este narcisista, o que importa atualmente é a pontualidade do momento. Sendo assim, a memória tende a perder-se justamente pela ênfase dada ao presente e o futuro, da mesma forma se estreita e o sujeito perde a dimensão do que está por vir.

O principal sinal da tendência narcisista de nossa cultura é o fato de as pessoas terem se tornado muito envolvidas com sua imagem. A preocupação atual com o corpo reflete uma atitude narcisista, visto que, na maioria das vezes, trata-se de uma questão estética.

Muitas pessoas consomem considerável tempo e dinheiro escolhendo roupas que criarão a espécie de imagem que se desejam projetar. Elas acreditam que a aparência é tão importante que selecionam cuidadosamente aquilo que possa proporcionar uma aparência mais favorável. Procura-se parecer mais jovem, mais belo, mais sofisticado, etc. Algumas pessoas recorrem até as cirurgias plásticas para conseguir alcançar a aparência ideal. Essa preocupação com a aparência constitui parte tão integrante do nosso modo de vida que poderemos até considerar emocionalmente perturbada uma pessoa que negligencie sua aparência.

Segundo Costa (2004, p. 192): “o interesse pelo corpo exacerbou a atenção dos indivíduos para com a sensorialidade e a superexploração dessa faceta da experiência corporal vem sendo acompanhada de efeitos físicos, mentais e sócio-culturais inusitados”.

Qualquer comentário sobre hábitos alimentares, por exemplo, desencadeia, em geral, uma tagarela, bizarra e infantilizada competição sobre quem faz mais exercícios; quem come menos gordura; quem é capaz de perder mais quilos em menos tempo; quem deixou de fumar há mais tempo; quem ingere mais vegetais, alimentos e fármacos naturais etc. Em paralelo a isto, todo consumo de comidas com alto teor calórico é precedida de verdadeiros atos de contrição e rituais preventivos de expiação da falta a ser cometida. Os que não aceitam jogar o jogo são vistos como problemáticos, do ponto de vista emocional, já que se entregam, sem escrúpulos, à autodestruição física e moral. Afinal, pensamos,

sem a boa forma, não teremos oportunidade alguma de ser *vencedores*⁵. O mal do século é o mal do corpo (COSTA, 2004, p. 199).

Para Bauman (2010, p. 76), o indivíduo faz de si mesmo uma mercadoria vendável e observa:

Os membros da sociedade de consumo são eles próprios mercadorias de consumo, e é a qualidade de ser uma mercadoria de consumo que os torna membros autênticos dessa sociedade. Tornar-se e continuar sendo uma mercadoria vendável é o mais poderoso motivo de preocupação do consumidor, mesmo que em geral latente e quase nunca consciente.

Nessa perspectiva, Lasch (1984) considera que a cultura organizada em torno do consumo de massa estimula o narcisismo – que podemos definir, para o momento, como a disposição de ver o mundo como um espelho; mais particularmente como uma projeção dos próprios medos e desejos – não porque torna as pessoas gananciosas e agressivas, mas porque as torna frágeis e dependentes.

Segundo Baudrillard (1995), é na sociedade do consumo que o teatro de horrores da Indústria Cultural produz suas monstruosidades deformadas de pseudo individualizações, forjadas a partir da não diferenciação de objetos de consumo e de seres humanos.

Conforme afirma Birman (2000, p. 167), nesse contexto, a mídia se destaca como instrumento fundamental para que se forje o polimento exaltado de si mesmo pelo indivíduo que se esmera então para estar sempre presente nos meios de comunicação de massa, em jornais ou televisão.

A cultura da imagem⁶ é o correlato essencial da estetização do eu, na medida em que a produção do brilhareco social se realiza fundamentalmente pelo esmero desmedido na constituição da imagem pela individualidade. Instituído-se assim a hegemonia da aparência, que define o critério fundamental do ser e da existência em sua evanescência brilhosa. Na cultura da estetização do eu, o sujeito vale pelo que parece ser, mediante as imagens produzidas para se apresentar na cena social, lambuzado pela brilhantina eletrônica.

5 Grifo do autor.

6 Grifo nosso.

Nesta proliferação de imagens registradas, nosso senso de realidade é alterado. Hoje a realidade torna-se uma imagem e as imagens tornam-se realidade; a unidade que falta à vida recupera-se no plano da imagem. Enquanto antes as pessoas buscavam ‘ter’ as coisas, hoje elas querem ‘aparecer’.

De acordo com Birman (2000, p. 188), nessa medida, o sujeito é regulado pela performatividade mediante a qual compõe os gestos voltados para a sedução do outro e diz que este é apenas um objeto predatório para o gozo daquele e para o enaltecimento do eu.

O autor ainda acrescenta: “a imagem é a condição de possibilidade da sedução e do fascínio, sem a qual o ideal de captura do outro não pode jamais se realizar nesse festim diabólico de exibicionismo”.

O mundo irreal da tela substitui, por algum tempo, o mundo real de sentimentos e relações pessoais. Isso demonstra que as pessoas buscam uma fuga, algo para esquecer-se de seus problemas e aflições. Elas estabelecem contato com o mundo apenas através dos meios de comunicação. Ninguém pode verificar nada pessoalmente. Ao contrário, temos de confiar em imagens e, como se não bastasse, imagens que outros escolheram.

Assim, na lógica do espetáculo, só é bom aquilo que aparece, que tem destaque. A imagem é uma abstração do real e o seu domínio, isto é, o espetáculo, significa um “tornar-se abstrato” do mundo.

A sociedade pós-moderna é caracterizada pela ausência de limites. Os limites derivam da estrutura. Conhecendo a estrutura de um objeto, podemos determinar os limites de sua possível ação. Sem limites, as pessoas perdem as noções de si mesmas como indivíduos responsáveis. Cada um, por si mesmo, é outro narcisista, não só porque nega as necessidades do outro, mas por negar também as necessidades do *self*.

A cultura atual impõe relativamente menos restrições ao comportamento, encorajando, inclusive, a ‘transformação em atos’ de impulsos sexuais em nome da liberação, minimizando a importância dos sentimentos. O resultado é o narcisismo. No passado, era enfatizado o amor sem sexo ao passo que a cultura atual enfatiza o sexo sem amor. Parece que o ser humano já não consegue mais se relacionar, nem amar de verdade. Bauman (2004, p. 46) reflete sobre a natureza desse amor e sua exigência:

Com efeito, é suficiente perguntar “por que devo fazer isso? Que benefício me trará?” para sentir o absurdo da exigência de amar o próximo — qualquer próximo — simplesmente por ser um próximo. Se eu amo alguém, ela ou ele deve ter merecido de alguma forma... “Eles o merecem se são tão parecidos comigo de tantas maneiras importantes que neles posso amar a mim mesmo; e se são tão mais perfeitos do que eu que posso amar neles o ideal de mim mesmo... Mas, se ele é um estranho para mim e se não pode me atrair por qualquer valor próprio ou significação que possa ter adquirido para a minha vida emocional, será difícil amá-lo.”

O sexo realmente se banalizou, virou uma mercadoria entre outras. O homem contemporâneo trata o desejo sexual, de certa forma, como simples atividade corporal.

Lasch (1983, p. 60) nos diz ainda que “[...] o narcisismo veio a ser reconhecido como um importante elemento nas chamadas desordens do caráter, que absorveram muito da atenção clínica, antes dada à histeria e às neuroses obsessivas.” Conclui dizendo que o narcisista é um candidato maduro para a análise interminável.

A cultura do narcisismo impõe ao processo de envelhecimento uma dificuldade maior, ou seja, a necessidade de se viver eternamente a juventude. Sobre isto Lasch (1983, p. 254), escreve:

O problema da velhice permanece não tratável por outra razão. Ele possui uma dimensão psicológica, assim como uma dimensão social e biológica. A mudança social manifesta-se, tanto interna como externamente, em percepções, hábitos mentais e associações inconscientes em mutação. Se nossa época tem um horror à velhice e à morte, este horror deve originar-se em alguma predisposição interior. Ele deve refletir não somente mudanças objetivas na posição social dos mais velhos, mas experiências subjetivas, que tornam intolerável a perspectiva da velhice. O medo da velhice pode originar-se na estimativa racional, realista, do que acontece com as pessoas idosas na sociedade industrial adiantada; mas tem suas raízes no pânico irracional. O sinal mais óbvio deste pânico é que ele surge nas vidas das pessoas muito prematuramente. Homens e mulheres começam a temer a velhice antes mesmo de chegar à meia-idade. A chamada crise da meia-idade apresenta-se como uma compreensão de que a velhice assoma à nossa porta.

A cultura, enquanto campo de ação para o sujeito e como construtora de significado, aponta para esta complexidade em diferentes dimensões que permeiam o processo de envelhecimento em nossa sociedade. O que está por trás dessa aversão ao processo de envelhecimento, que está se tornando cada vez mais comum em nossa sociedade. Sobre esta questão, Lasch (1983, p. 253) escreve:

Obviamente, os homens sempre temeram a morte e desejaram viver eternamente. Todavia, o medo da morte assume uma nova intensidade em uma sociedade que se privou da religião e demonstra pouco interesse pela posteridade. A velhice inspira, além do mais, apreensão, não só porque represente o início da morte, mas porque a condição das pessoas idosas tem-se deteriorado objetivamente nos tempos modernos.

Nossa sociedade, notoriamente, encontra pouca oportunidade para os mais velhos, porque desvaloriza a experiência, o que, segundo Lasch (1988), acontece “[...] porque se dá muito valor à força física, destreza, adaptabilidade e à capacidade de surgir com novas idéias, visto que a sociedade define a produtividade em que praticamente excluem os cidadãos mais velhos”. O conhecido culto da juventude então enfraquece ainda mais a posição dos que não são mais jovens.

O indivíduo observa no cotidiano, ao se olhar no espelho, que representa o olhar do outro e os valores da cultura, as marcas do tempo e muitas vezes percebe esta situação como apavorante e ameaçadora. Devido às mudanças corporais que acontecem nessa etapa da vida, vão causar uma desvalorização da imagem idealizada de si, que dá lugar à angústia de um corpo em transformação.

A discordância entre a imagem inconsciente do corpo e a imagem revelada pelo espelho provoca uma negação da passagem inexorável do tempo; é necessário primeiro desinvestir a imagem da juventude, o que provoca um profundo desprazer e um estado de tensão que leva o psiquismo a procurar uma nova representação do corpo. Contrapõe, ainda, o esforço narcísico que busca ludibriar a morte, transformando o homem em um ‘deus da prótese’ ou seja, apontando seu caráter de engodo, sua astúcia sedutora e enganosa, ao mal-estar próprio do desejo.

Temos, de um lado, o corpo natural, que é resultado do processo

evolutivo e que corresponde a um ciclo biológico, mediante o qual nascemos, desenvolvemos, adoecemos, envelhecemos e morremos, e de outro, o corpo simbólico que resulta das construções sociais, cuja imagem ideal é a da saúde e beleza associada à juventude.

Alguns dos paradigmas que estão em voga, hoje em dia, são, por exemplo, modelo de corpo, eterna juventude, corpo atlético, portanto, o velho não se encaixa, além disso, não produz, molesta. Hoje vemos que o narcisismo emerge como forma típica de estrutura de caráter em uma sociedade que perdeu o interesse pelo futuro. O pensamento de sermos substituídos e até de morrermos, torna-se insuportável e assim tentamos abolir a velhice e procuramos prolongar a vida com uma imagem “jovem”.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Torna-se importante destacar que o corpo se tornou o valor mais importante da vida. Na ‘Cultura do Narcisismo’⁷, a exibição é o tema essencial da existência onde a performance e a glorificação do eu são a razão de ser do indivíduo. Assim, este vale pelo que parece ser, é a sua aparência que o insere na cena social.

Temos uma ciência que nos promete verdadeiros milagres para uma mudança radical em tudo aquilo que achamos imperfeito em nosso corpo. O que se é herdado geneticamente, se não agrada, pode ser cancelado, deixando uma parte de nossa história para atrás. Para que se importar com o passado, visto que até a nostalgia virou mercadoria comercial. Conforme a sociedade de consumo rotula seus produtos de consumo com prazos de validade, nossos corpos, caso não exibam o padrão a ser seguido, estaríamos também, fadados à ter nosso prazo de validade. O fim da juventude significaria o fim da nossa possibilidade dar alguma coisa em prol desta sociedade, parece ser uma morte antecipada.

A ausência de limites, também uma característica dessa atual sociedade, destituiu a responsabilidade das pessoas, fazem-nas perder a noção de si mesmas, pessoas sem crenças e ávidas de novos prazeres sensoriais.

Hoje vemos que é cada vez mais difícil conquistar amizades duradouras e profundas, casos de amor e casamentos, à medida que a

⁷ Termo criado por Chistopher Lasch.

vida social se torna cada vez mais hostil. Vivemos em um mundo onde o encontro amoroso fracassa antes mesmo de se insinuar como tal porque as relações intersubjetivas estão em ruínas. Falta disposição interna para escutar, refletir, construir junto um pensamento compartilhado, produto de um encontro.

O comportamento narcísico que podemos ver em diversos cenários da vida pública e privada ganha destaque nos meios de comunicação. Nessa proliferação de imagens, nosso senso de realidade é alterado. A mídia intensifica os sonhos de fama e glória, encoraja o homem comum a identificar-se com as estrelas.

Ao passo que vemos também um mundo de pessoas voltadas para si mesmas, encantadas consigo mesmas. A queixa comum é o sentir-se só, mesmo que acompanhado. No modo subjetivo destes tempos, o encontro amoroso fica na fantasia. A falta de relações intersubjetivas autênticas impossibilita experiências na vida, que são imprescindíveis para a felicidade do eu.

Se os valores da nossa cultura atual estão na base dessa contínua construção/reconstrução de sujeitos superficiais e enfraquecidos, sem a verve necessária para esse experimento humano essencial e profundo, uma cultura que abastece, mas não compreende a dor da depressão. Uma dor que remete às profundezas, ou a uma condição em que é difícil se reinventar. Resta-nos uma imensa dúvida se a sociedade pode frear este processo, dar um passo atrás.

Vemos hoje que o que se diz ao homem comum é que ele só tem saída se vier a compactuar com a moda e a tudo que ela diz ser belo e verdadeiro. Diante de uma realidade natural esmagadora, vive-se alternadamente como absolutamente impotente ou onipotente. A realidade que vemos diluída nas imagens leva os indivíduos a crer em uma verdade incontestável, em tudo o que se vê em jornais, revistas, filmes e televisão. O verdadeiro não é aquilo que é, mas o que aqueles que fomentam a ‘Sociedade do Espetáculo’⁸ decidem o que deve ser visto.

Para pensarmos em novas perspectivas de convivência social e mudança de alguns valores culturais, necessitamos de uma recuperação da dignidade ética e uma revalorização das singularidades físicas, para que, futuramente, os indivíduos que vêem o mundo pelas lentes

⁸ Termo usado com referência à obra de mesmo nome de Guy Debord.

do espetáculo não se contentem somente em imitar seus modelos de sucesso.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

_____; MAY, Tim. **Aprendendo a pensar com a sociologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.

BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. Rio de Janeiro: Elfos, 1995.

BIRMAN, Joel. **Mal-estar na atualidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

_____. **O sujeito na contemporaneidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

COSTA, Jurandir Freire. **O vestígio e a aura**: corpo e consumismo na moral do espetáculo. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

COURTINE, Jean-Jacques. Introdução. In: COURTINE, Jean-Jacques (Org.). **História do Corpo** – As Mutações do Olhar - O Século XX. 2. ed. v. III. Petrópolis: Vozes, 2008.

FREUD, Sigmund. Sobre o narcisismo: uma introdução. In: _____. **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1915). Instinto e suas Vicissitudes. In: _____. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas**. v. XIV Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1930 [1929]). O mal estar na civilização. In: _____. **Edição Standard brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago 1996. Vol. XXI

GOLDENBERG, Mirian; RAMOS, Marcelo S. A civilização das formas: o corpo com valor. In: GOLDENBERG, Mirian (Org.). **Nu e vestido** - dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2002.

JAMESON, Frederic. O Pós-modernismo e a Sociedade de Consumo. In: KAPLAN, E. Ann (Org.) **O mal-estar no Pós-modernismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

LASCH, Christopher. **A cultura do narcisismo**. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

_____. **O mínimo eu** – sobrevivência psiquiátrica em tempos difíceis. São Paulo: Brasiliense, 1984.

LOWEN, Alexander. **Narcisismo** – Negação do verdadeiro self. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1993.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____. Signes. História do Corpo. In: COURTINE, Jean-Jacques (Org.). **História do corpo: As Mutações do olhar - O século XX**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. v. III

RODRIGUES, José Carlos. **Tabu do Corpo**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.

ROSÁRIO, Nísia Martins. **Mundo contemporâneo: corpo em metamorfose**. 2004. Disponível em: <http://www.comunica.unisinos.br/semiotica/nisia_semiotica/conteudos/corpo.htm> Acesso em: 18 dez. 2012.

SANTOS, Francisco José A. dos. Considerações sobre a “corpolatria”. **Motrivivência**, v. 3, n. 3, 1990. Disponível em: <<http://cev.org.br/biblioteca/motrivivencia-1990-n3/>>. Acesso em: 03 jan. 2013.

SIEBERT, Raquel S. As relações de saber-poder sobre o corpo. In: ROMERO, Elaine (Org.). **Corpo, Mulher e Sociedade**. Campinas: Papyrus, 1995. p. 15-42.

SOHN, Anne-Marie. O corpo sexuado. In: COURTINE, Jean-Jacques (Org.). **As Mutações do olhar: O século XX**. 2. ed. v. III. Petrópolis: Vozes, 2008.

Artigo recebido em: 07/3/2013
Aceito para publicação em: 05/8/2013